

# O vazio e o silêncio

**Alexandre Lúcio Sobrinho**

Mestrando em Literatura Comparada pela UNESP/Assis)

**Resumo** Este trabalho procura estudar as semelhanças entre duas obras importantes do final do século XIX: *Às Avessas*, de J-K Huysmans, e *A Cidade e as Serras*, de Eça de Queirós, que parecem se utilizar de seus protagonistas como “vítimas” diferentes da mesma atmosfera cultural, marcada pelo culto ao artificial e ao progresso tecnológico.

O romance *A Cidade e as Serras* (1901), de Eça de Queirós, como o título sugere, divide seu espaço entre o citadino e o serrano. A obra é composta por dezesseis capítulos, sendo que nos oito primeiros a ação se dá em Paris, e, nos oito capítulos restantes, a maior parte da trama ocorre em Tormes, em Portugal.

A primeira metade d’*A Cidade e as Serras* apresenta o mundo civilizado e moderno de transição entre o século XIX e o século XX, quando Paris era o berço das Artes, das grandes descobertas tecnológicas, fábrica de grandes místicos e pensadores. Período, também, em que o *Moulin Rouge* convidava os homens a festejarem ao gosto de absinto, em noites bizarras, com dançarinas de *Can-Can* sufocando-se em corpetes apertados.

Poucos anos antes, mas também sob esse clima, o escritor francês J-K Huysmans escreveu *Às Avessas* (1884), uma obra bastante polêmica, que ofendeu o bom gosto de muitos escritores, inclusive de André Gide. Embora muitos reconheçam no romance apenas o exagero estilístico e o odor do decadentismo, é possível apreciar com grande seriedade o excêntrico protagonista, representante da imoralidade e perversão de um ambiente degradante.

A intenção deste trabalho é comparar a primeira metade d’*As Cidades e as Serras* com o livro de Huysmans. A pertinência deste trabalho se dá não apenas pela ambientação dos textos, mas pelas semelhanças reconhecíveis entre os protagonistas dos dois romances, acrescentando-se, como mais um motivo, o fato de ser ainda atual o assunto suscitado pela leitura das duas obras.

Por ser sobejamente conhecida, e por ser prescindível neste trabalho, deixaremos de traçar a biografia de Eça de Queirós (1845-1900), mas faremos uma breve detença na evolução “ideológica” do autor.

Enquanto era estudante de Direito, Eça filiou-se a um grupo que se mostrava entusiasmado com as idéias de Proudhon e de Comte. Foi amigo de Antero de Quental, para o

qual escreveria um belíssimo texto *in memoriam*, participou como espectador na Questão Coimbrã e se entregou com verdadeira paixão nas Conferências do Cassino.

A obra de Eça de Queirós pode ser dividida, segundo alguns especialistas, em três momentos. De acordo com essa divisão, a primeira fase tem início entre 1866 e 1867, terminando em 1875. Essa fase tem como característica uma influência heterogênea de escritores franceses, e é considerada uma fase de indecisão, na qual Eça escreve muitos textos de mistério e fantasia. A segunda fase começa em 1875 e é marcadamente realista, ou como preferem alguns, *realista iconoclasta*. Os textos refletem uma fase pessimista, na qual Eça defende uma reforma social e se compromete com os ideais da geração de 70. A terceira fase, de 1888 até 1900, é a que mais nos interessa, pois nela foi escrito *A Cidade e as Serras*. Parece que em seu último período literário, Eça abandona todo o seu pessimismo e ceticismo, para dar lugar a uma crença e a um idealismo não-científico. Fazem parte da última fase do autor *Os Maias*, *A Ilustre Casa de Ramires*, *A correspondência de Fradique Mendes*, *A Cidade e as Serras* e grande parte de seus contos, dentre eles “O Suave Milagre”.

J(oris)-K(arl) Huysmans (1848-1907), assim como Eça, estudou Direito, e aos 19 anos de idade iniciou sua carreira literária, publicando *Le drageoir aux épices*, em 1874. Logo em seguida, passa a conviver com jovens escritores e, mais tarde, conhece Zola, que o convida a integrar-se ao seu grupo. Como bom discípulo, em 1879, Huysmans publica *Les Sœurs Vatard* e o dedica ao mestre. Mas ao escrever *Às avessas*, e ao fugir do figurino naturalista, Huysmans ofende a Zola, deixa a escola onde havia se formado, converte-se ao Catolicismo e publica mais três livros antinaturalistas. Afora essa pequena trajetória literária, não podemos destacar nada de muito importante da vida e da obra do escritor francês; cabe apenas um comentário pessoal a respeito do abandono da escola realista, por parte dos dois escritores: essa ruptura ocorre mediante uma transformação bastante drástica na estética como no conceito das obras. Por um lado, Eça adota um caráter mais religioso e, até certo ponto, bucólico, repudiando o mundo civilizado. Por outro lado, Huysmans, discípulo direto de Zola, defende o simbolismo decadentista como programa de salvação diante da pobreza sentimental da “realidade”.

Em *A necessidade da arte* (1981: p. 94), Ernst Fischer diz que “os escritores naturalistas, incapazes de ultrapassar a sordidez fragmentária do mundo burguês, foram levados a aderir ao simbolismo e abraçar o misticismo, vítimas do desejo que tinham de descobrir o misterioso todo, o significado da vida, acima e além das realidades sociais.”

Em geral, o crítico alemão é bastante pejorativo ao tratar do Simbolismo; contudo, há uma razão lógica, apresentada no fragmento acima, para a “conversão” de tantos escritores respeitáveis das escolas realista e naturalista ao misticismo e à religiosidade, entre os quais se pode contar o último Guerra Junqueiro. Essa razão está no próprio esgotamento do papel do escritor como reformador social, e na sensação de impotência diante do mundo incontrolável – motivos que levam ao “deixar o mundo” e ao “buscar o todo”.

Huysmans não desagradou apenas a Émile Zola, seu mestre: recebeu uma contrapartida três anos depois, quando André Gide escreve *Os Frutos da Terra* em protesto a uma literatura que, segundo ele, “cheirava furiosamente a convenção e a mofo; em que me parecia urgente fazê-la tocar de novo a terra e pousar simplesmente um pé no solo”. Quanto à recepção de *A Cidade e as Serras*, sabemos que também não foi muito favorável. Segundo SOUZA (1996: p. 09), “*A Cidade e as Serras* tem sido vista como obra menos interessante do ponto de vista estético, em toda a novelística queirosiana”, recebendo comentários pejorativos, tais como: obra de valor literário inferior, ultrapassada, saudosista e desonesta.

Não nos cabe aqui julgar o valor das obras que nos propomos a estudar, visto que nosso objetivo é um confronto entre os personagens Jacinto e des Esseintes; desse modo, para melhor entendimento dessa comparação, faremos um breve resumo dos romances, apontando para as características mais marcantes de cada protagonista, e comentaremos sobre as diferenças entre os narradores.

Em *A Cidade e as Serras*, Jacinto é um homem rico, favorecido por uma fortuna herdada da família e aumentada quando ganha um prêmio de loteria. Desde a infância se destacou como grande conhecedor das ciências gerais; filosofia inclusive. Residente em Paris desde o nascimento, ali conhece Zé Fernandes, nas escolas do bairro latino. Nas páginas iniciais nos é sugerida toda a problemática de Jacinto, pois para ele, “o homem só é superiormente feliz quando é superiormente civilizado”, pensamento que pôde ser sintetizado na seguinte equação “suma ciência x suma potência = suma felicidade”.

Em busca dessa “suma felicidade”, Jacinto equipou seu palacete dos Campos Elísios, número 202, com todo tipo de equipamentos e máquinas que a ciência podia oferecer: um elevador, calorímetro, perfumadores, telefone, telégrafo, fonógrafo, etc. Além disso, possuía uma biblioteca composta por mais de trinta mil volumes e todos os tipos de jornais e revistas. Em sua casa recebia convidados importantes para os quais oferecia banquetes exóticos. Graças a sua riqueza, Jacinto consegue saciar todos os seus desejos; todavia, tendo tudo ao seu alcance, a vida passa a ser tediosa; nenhum alimento o satisfaz, não consegue mitigar sua sede, as leituras não mais o distraem – com exceção dos textos de Schopenhauer e do *Eclesiastes*. Além disso, diversos acidentes ocorrem no 202: canos que inundam a casa; um peixe raro que fica preso no calabouço de um elevador; a eletricidade que deixava de funcionar, etc.

Zé Fernandes, o amigo que cumpre o papel de uma consciência natural, muitas vezes propõe ao amigo que vá com ele a Tormes, nas serras portuguesas. Quando Jacinto aceita o convite, e parte com destino às serras, parte, ao mesmo tempo, para uma trajetória de ascensão, de rejuvenescimento e revitalização, que elevará o seu caráter até o divino.

O romance de Huysmans, por sua vez, tem como protagonista des Esseintes, último descendente e herdeiro de uma antiga e abastada família. Logo na infância demonstra o seu gosto pela leitura e pela reflexão. Ainda jovem, foi interno de um colégio de monges, onde aprendeu sobre a filosofia e a teologia. Após concluir seus estudos, gasta uma parte de sua

fortuna em noites extravagantes, saciando seus prazeres sensuais. Todavia, é acometido por uma nevrose e uma repulsão pelo contato social. Sofrendo com a neurose e a misantropia, decide se instalar numa casinhola nos altos de Fontenay-aux-Roses. Ao alojar-se na nova residência, inicia o seu projeto de decoração. Passava horas selecionando as cores que deveria pintar nas paredes, o revestimento que daria em cada cômodo e o mobiliário que comporia os ambientes. Tudo passava pelo crivo do especialista de requintado gosto.

Durante sua estadia em Fontenay, des Esseintes passa horas divagando sobre literatura, gravuras e outras artes. Elabora uma gramática de odores, mostrando-se hábil perfumista e elabora um refinado “órgão de boca” – aparelho semelhante ao piano, que transfere os sons musicais para sensações de sabor. Engana-se pela imaginação, ao criar uma sala de jantar que lembra uma cabine de navio, pela qual pretende “viajar” enquanto faz suas refeições. Coleciona uma quantidade exagerada de plantas raras, carnívoras e bizarras, que possuíam como característica a semelhança com flores artificiais. E o final de todos os esforços na direção do refinamento dos sentidos é o colapso nervoso: por recomendações médicas, e à força, des Esseintes se vê obrigado a voltar ao “mundo real”.

Apesar do sucinto resumo das obras, é possível notar que ambas apresentam um personagem extravagante e de gosto peculiar: tanto um como outro adoece no artificialismo que os cerca, de modo que precisam abandonar suas residências, tão criteriosamente decoradas e equipadas. Entretanto a narrativa desses romances é elaborada de maneira distinta: n’*As Cidades e as Serras*, a trama é narrada em primeira pessoa. A obra se desdobra em duas partes, uma primeira apresenta Jacinto cercado de civilização e dos bens que ela oferece; na segunda, o protagonista abandona sua excentricidade para viver uma vida campestre. Às *Avessas*, por sua vez, é narrado em terceira pessoa, por um narrador onisciente. Salvo a pequena introdução, que objetiva comentar a origem de des Esseintes, o narrador se dedica exclusivamente às ações e aos pensamentos do protagonista. Ao comparar a atuação dos personagens, percebemos que Jacinto já possui toda a quinquilharia da qual se serve. Ao se postar diante de um prato, não conseguimos imaginar seus desejos íntimos, não acompanhamos sua seleção dos livros que compõem sua biblioteca (salvo sua organização, que obedece a um critério visual). Enquanto está deitado em seu divã não nos é permitido invadir seus pensamentos. Contudo, assistimos a seu demorado penteado, a sua perda de peso e a seu tédio crescente, ou seja, conhecemos o personagem exterior e superficialmente, isso graças às observações de Zé Fernandes. Por outro lado, ao lidar com a obra de Huysmans, acompanhamos como des Esseintes compõe cada compartimento de sua casa, conhecemos sua dificuldade de se alimentar, sabemos sob qual critério ele seleciona e organiza seus livros, é permitido sentirmos seu sofrimento e seus desejos. Contemplamos o personagem em toda sua intimidade.

Eça e Huysmans são autores contemporâneos que procuram representar um *dandi* provido de grande riqueza. Ambos renunciam ao programa do Realismo em prol de um novo projeto. Suas obras se destinam a fins diferentes, mas percorrem, até certo ponto, a

mesma senda. Seus protagonistas também guardam semelhanças *per si*, e, apesar de se submeterem a focos narrativos distintos, é possível compará-los sem comprometer a leitura das obras.

Procuramos selecionar fragmentos da obra de Eça e de Huysmans, a fim de mostrar, através desses excertos, as semelhanças entre esses romances. Segundo nossa proposta, o primeiro aspecto que nos propomos a estudar é o caráter excêntrico dos personagens; para tanto, citaremos como exemplo, os jantares oferecidos nos dois romances – embora os fragmentos escolhidos sejam longos, achamos necessário incluí-los nesse trabalho devido à grande semelhança de construção.

Jacinto acometido pelo tédio, querendo afugentar seu mal, resolve sobrecarregar a sua vida com tarefas humanitárias, compromissos sociais e novos interesses. Por essa razão decide organizar um jantar inusitado aos seus amigos:

e ofereceu às suas amigas esse sublime jantar cor-de-rosa, em que tudo era róseo, as paredes, os móveis, as luzes, as louças, os cristais, os gelados, os champanhes, e até (por uma invenção da alta cozinha) os peixes, e as carnes, e os legumes, que os escudeiros serviam, empoados de pó rosado, com librés da cor da rosa, enquanto do teto, de um velário de seda rosada, caíam pétalas frescas de rosas... (QUEIRÓS: 2003, p. 87).

O jantar oferecido por Jacinto é de um requinte delicado, que não deseja chocar seus convidados; aliás, o interesse do anfitrião é agradá-los. Des Esseintes também configura um jantar peculiar; entretanto, sua intenção é criar um ambiente opressivo e tenebroso:

Na sala de jantar forrada de preto, aberta para o jardim de casa subitamente transformado, com as aléias cobertas de carvão em pó, o tanquezinho debruado agora de um parapeito de basalto e cheio de tinta, os maciços providos de ciprestes e pinheiros, servira-se o jantar sobre uma toalha negra, guarnecida de violetas e escabiosas, iluminada por candelabros onde queimavam chamas verdes e castiçais onde ardiam velas (HUYSMANS: 1987, p. 43).

Quer seja no jantar cor-de-rosa, quer no jantar negro e sombrio, é marcante a extravagância dos dois personagens. Jacinto, após a leitura de textos pessimistas, profundamente entediado, não sentindo prazer com os recursos que o seu 202 dispunha e doente da alma, procura a todo custo preencher o vazio causado pelo tédio. O festim que oferece não o diverte. Des Esseintes é mais exagerado que o personagem de Eça; entretanto, o efeito de suas bizarrices também não sacia seu espírito. O tédio mina suas forças, ele também não consegue sentir prazer com suas singularidades. O próprio personagem admite que tal “ostentação pueril e antiquada” havia esgotado sua vanglória.

A compulsão para colecionar livros é outro aspecto semelhante entre esses personagens. Jacinto é dono de uma biblioteca com mais de trinta mil volumes (ou 70.000 – pequena inconsistência nos números, percebida por Frank Souza). A organização de Jacinto, apesar de precária (muitos dos livros são amontoados em pilhas), obedece a um critério bastante expressivo, pois, tanto a encadernação das obras, como a sua disposição nas prate-

leiras, representa o valor que cada obra possui. Por exemplo: Platão estava disposto no patamar da estante e encadernado “numa pelica pura e alva”, enquanto Hobbes ficava numa prateleira inferior e encadernado com couro.

Des Esseintes também possui uma biblioteca enriquecida por obras muito raras, não quantificadas, mas que tipificam o gosto decadentista: autores dos tempos da decadência romana e do cristianismo primitivo, tais como Petrônio, Apuleio, Tertuliano, Ausônio e outros muito mais raros, cujos volumes eram encomendados a livreiros especialmente contratados, que as imprimiam em prensas manuais. Toda sua coleção deveria ser exclusiva. Além da prensa, ele cuidava do papel que deveria ser utilizado, da tinta que marcaria o papel, da encadernação, das capas e das inscrições que seriam feitas nelas. A organização da estante obedecia a um critério puramente intelectual, sua crítica a certos livros era bastante severa e reconhecemos nele um poderoso leitor, que ostenta uma rica leitura.

Para Souza (1996: p. 29), “Embora Jacinto estivesse rodeado de uma biblioteca de 30.000 volumes, sente-se asfixiado pela super-abundância e pela exigüidade do contato com o *eu* natural, que existe à margem da literatura e das teorias do real.” Isso porque, segundo ele, “os livros ao invés de servirem de ‘janelas’ para outras realidades, eram obstáculos a novos conhecimentos”. Os livros de Jacinto, como dissemos anteriormente, eram empilhados por todo o 202, vedando as janelas e obstruindo o trânsito aos cômodos. Nesse caso os livros são tratados como objetos físicos que impedem a ação do personagem. Com exceção dos textos de Schopenhauer e do *Eclesiastes*, e de alguns jornais e revistas, não surpreendemos Jacinto como um leitor das obras que coleciona.

Des Esseintes, por sua vez, é leitor de sua biblioteca; dedica horas manuseando, catalogando e organizando seus livros. Em seus momentos de leitura, foge da realidade física e imediata. Seu gosto pela pintura, pela gravura e pela literatura, mostra que ele se encontra com os gênios da arte e se identifica com eles. Des Esseintes se acredita superior ao resto da humanidade contemporânea, considera-se um artista de bom gosto. Para ele a vida cotidiana de um cidadão comum é monótona e sem atrativos, e sua introspecção garante-lhe uma experiência exclusiva e valiosa.

O artificialismo e a ciência são fontes de prazer e conforto para os nossos personagens. Souza (1996: p. 26): “Neste 202 [...], Jacinto está rodeado das últimas novidades inventadas pela ciência para tornar fácil e confortável a existência humana”. Para pôr em prática a sua “equação metafísica”, Jacinto carece da ciência e de seus produtos: aparelhos para calcular, abrir envelopes, produzir sons, aquecer o ambiente, transportar alimentos, abotoar camisas, etc. Aparentemente todos esses recursos eram indispensáveis para sua felicidade, e, quando já não encontrava neles maior interesse, mandava trazer outros tantos. Mas aos olhos de Zé Fernandes, todas essas engenhosidades escondiam um esqueleto metálico, duro e frio: “por sobre peanhas e pedestais, toda uma mecânica suntuosa, aparelhos, lâminas, rodas, tubos, engrenagens, hastes, friezas, rigidezas de metais...”

Não só os produtos da Física e da Dinâmica eram artificiais: em torno de Jacinto figurava um grupo composto por condes, duques, psicólogos, escritores, filósofos e *cocottes*, em suma, círculo da alta roda parisiense, entretanto, sob o título que esses personagens ostentavam, escondiam-se pessoas superficiais e medíocres.

Des Esseintes não se servia tanto da ciência mecânica, salvo para a construção de sua cabine de refeições e para o órgão de boca. Mas podemos crer que ele almejava ser um grande “alquimista”, pois ao criar novos perfumes demonstrava todo o seu conhecimento para manipular os elementos, assim como demonstrava um conhecimento científico para explicar as diferenças entre extratos e buquês. Era também um botânico e conhecia o nome científico de cada planta que adquiria. Mas, seja na composição de perfumes ou na apreciação de suas plantas encontramos um dispositivo de prazer causado pelos sentidos. Será a sinestesia uma maneira de alcançar prazer; entretanto, não poderia nem deveria ser obtida pelos elementos encontrados facilmente na natureza, pelo homem comum. Era necessário que des Esseintes configurasse um novo perfume, ou que ele conseguisse copiar “artificialmente” um perfume já existente, mas raro.

A experiência sinestésica foi uma das marcas distintivas da escola simbolista, desde que Baudelaire publicou o poema “Correspondências”, afirmando o místico Swedenborg como um dos principais mentores da nova sensibilidade. Rimbaud, seguidor fervoroso de Baudelaire, compôs o poema das vogais alicerçado justamente nesta noção de que “A Natureza é um templo onde vivos pilares deixam filtrar não raro insólitos enredos”, e onde “os sons, as cores e os perfumes se harmonizam”. Em sua essência, o Simbolismo teve muito mais a ver com a magia do que com qualquer outra coisa. Swedenborg repetia o que muitos mestres mágicos anteriores e posteriores a ele já diriam: que “o que está em baixo é como o que está em cima”. Que há uma correspondência entre o Céu e a Terra, e as analogias são a manifestação dessa correspondência. Tudo está interligado: cores, perfumes, formas, palavras, letras, sons, substâncias, etc. Quem detém o poder das analogias detém o poder sobre a natureza. Essa é a essência da magia.

Fundamentado em Baudelaire, Rimbaud vai proclamar a função do poeta como “visionário”, como manipulador dos símbolos que restabelecem a ligação da Terra com o Céu, como mestre das analogias, enfim, como mago. Por isso podemos dizer que o poema das vogais é uma fórmula mágica destinada a contribuir para a “alquimia do verbo”. E, se Rimbaud escreve um poema sobre a analogia entre as vogais e as cores, des Esseintes elabora uma correspondência entre o sabor e o som:

De resto, cada licor correspondia, segundo ele (des Esseintes), como gosto, ao som de um instrumento. O curaçau seco, por exemplo, à clarineta cujo canto é picante e aveludado; kummel, ao oboé, com seu timbre sonoro anasalado; a menta e o anisete, à flauta, a um só tempo açucarada e picante, pipilante e doce; enquanto para completar a orquestra, o kirsch toca furiosamente o clarim; o gim e o uísque arrebatam o paladar com seu estridente estrépito de pistões e trombones, a bagaceira fulmina com o ensurdecido alarido das tubas, e rolam os trovões do címbalo e da caixa percudidos com toda força, na pele da boca, pelos rakis de Quios e os mástiques! (HUYSMANS: 1987, p. 78).

De modo geral, não houve simbolista que não fosse místico, e des Essentes não foge à regra: ao trancar-se como um monge em sua cela (imagem que evocará ao longo de todo o livro) procura o “êxtase” por meio das ilusões dos sentidos, e explora a sinestesia, como parte fundamental de um ritual mágico que acaba por se voltar contra ele mesmo.

O tédio e o pessimismo também são características marcantes dos dois personagens. A respeito de Jacinto, na primeira parte do livro, Zé Fernandes diz:

Reparei então que o meu amigo emagrecera: e que o nariz se lhe afilara mais entre duas rugas muito fundas, como as de um comerciante cansado. Os anéis do seu cabelo lanígero rareavam sobre a testa, que perdera a antiga serenidade de mármore bem polido. Não frisava agora o bigode, murcho, caído em fios pensativos. Também notei que corcovava (EÇA: 2003, p. 20).

Des Essentes também sofre debilidades físicas expostas ao longo do texto, tais como nevrose (neurose), falta de apetite, alucinações sinestésicas, etc. E ambos os personagens, quando aprofundados em seu tédio, apóiam-se na leitura de textos pessimistas como o *Eclesiastes* e Schopenhauer.

Quanto à influência de Schopenhauer sobre os protagonistas, podemos dizer que o filósofo alemão influenciou sobre toda a sociedade desgastada e decepcionada, em fins do século XIX, com o modelo capitalista. Ao incentivar o ascetismo e a ascese por meio da contemplação, Schopenhauer estava bem consciente do mundo da Vontade que grassava nos continentes e que já preparava as grandes guerras. Sua filosofia é a típica filosofia de espíritos nobres, como haviam sido o budismo, o bramismo e o platonismo. Entretanto, a ênfase dada por Schopenhauer à compaixão e à caridade como supra-sumo da “negação da Vontade”, do “deixar o mundo”, bem como a máxima mágica do “praticar para o benefício comum”, são esquecidas pelos protagonistas dos dois romances. Por isso a sensação de inutilidade da vida, o tédio, e a nevrose, como manifestações de um egoísmo não-coletivizado.

A semelhança entre Jacinto e des Essentes é o confinamento, o isolamento, que, em última instância, reflete os perigos da crescente individuação promovida, e muitas vezes incentivada, pela sociedade burguesa. A sociedade capitalista incentiva a noção de individualidade em detrimento da noção de coletividade. Por isso, Jacinto sofre do tédio comum à burguesia, tédio que nasce do sentimento de riqueza individual e de pobreza social. Confinado em seu cubículo, Jacinto tenta eliminar o tédio com mais e mais entretenimentos refinados, que só fazem gastar as suas forças psíquicas e materiais, e são incapazes de preencher o vazio de se estar apartado da Natureza. Mas, assim como boa parte da burguesia, Jacinto pressente a inutilidade de viver confinado. A singularidade do indivíduo está “justificada” na filosofia de Schopenhauer, que diz: cada indivíduo possui uma representação do mundo. Mas o mesmo filósofo exorta os indivíduos a ultrapassarem e a deixarem a sua representação, tomando ciência da coisa-em-si, e eliminando o círculo das ilusões. O que Jacinto faz, até metade do livro, é o que a burguesia faz comumente: procura fugir das noções fundamentais, das intuições primárias que atrapalhariam a vivência dos prazeres, como os



foliões em “A máscara da morte rubra”, de Poe, que continuavam bailando e festejando depois que o relógio de ébano se fizera presente, atrapalhando a folia com a lembrança da passagem do tempo e do seu fim inexorável.

Jacinto oscila entre o Tédio e a Vontade, na terminologia de Schopenhauer. Adquire cada vez mais bens, para enganar-se. E o círculo vicioso de “adquirir e enfadar-se” apenas é quebrado quando deixa a cidade em direção às serras, aos lugares intocados pela “fábrica de ilusões”.

A “fábrica de ilusões” na qual Jacinto estava encerrado era a fábrica de ilusões comum à burguesia parisiense. Muito diferente é a fábrica construída por des Essentes em sua chácara. Ao invés de tomar contato e apropriar-se das mais novas invenções da civilização, des Essentes fabrica um mundo totalmente apartado da modernidade: trata-se de uma espécie de mosteiro onde ele procura reconstruir uma medievalidade em pleno coração da Revolução Industrial. Neste ponto, Des Essentes está mais próximo dos ideais simbolistas do que Jacinto, justamente por esse afastamento completo da modernidade e pela busca de uma vivência rara, singular e puramente imaginativa.

De modo geral, podemos dizer que, se a “alienação” é a marca semelhante entre os personagens, também é a sua marca distintiva. Na primeira parte do livro, Jacinto é alienado da vida rural; na segunda parte, aliena-se da vida citadina em prol de uma vida rural, e aí reconhece a sua humanidade, em relação com a Natureza. Por sua vez, des Essentes se aliena da vida citadina em prol de uma vida imaginativa, onde pode dar realidade às elucubrações de sua mente, até que, no final do livro, é obrigado a tomar contato com a realidade. Ambos são personagens atormentados pela “vida moderna”: Jacinto, porque a vida moderna lhe retira uma parte fundamental de sua humanidade; des Essentes, porque a vida moderna é contrária à sua sensibilidade.

É inegável que ambos os romances têm como objetivo uma crítica à burguesia. Des Essentes, sendo um espírito fundamentalmente religioso, deplora a falta de sentido do “sagrado” na vida moderna, e nega-se a participar dessa vida, mesmo que isso lhe custe o equilíbrio mental. Jacinto deplora a inutilidade de suas pretensões ao conhecimento e a sua arte refinada de compor banquetes, prova para si mesmo que a vida nas serras é mais autenticamente humana do que na cidade, e acaba sendo, ele mesmo, uma denúncia do vazio dos valores burgueses.

As ilusões fabricadas por des Essentes, as ilusões compradas por Jacinto: as ilusões são o tema subscrito às duas obras. A vida moderna é alicerçada em ilusões que a burguesia tenta transformar em necessidades. Ao viver nas serras, Jacinto prova que essas necessidades são ilusórias: não é necessário um pente para cada parte do cabelo, a fim de se ser um cavalheiro, por exemplo. Por outro lado, o capitalismo permite que fabriquemos facilmente um mundo particular, no qual possamos viver apartados: é o que faz des Essentes, que utiliza o seu dinheiro para fabricar um mundo à parte, mais artificioso ainda do que o mundo burguês; mais afastado ainda da Natureza.

Jacinto afasta-se da cidade para curar-se do seu tédio. Des Essentes afasta-se da cidade para se dedicar à sua sensibilidade. Jacinto encontra a cura. Des Essentes encontra o colapso nervoso. De qualquer forma, o “vilão” de ambas as histórias é a cidade – um mundo trabalhosamente vazio e de mera ostentação, para Jacinto; um mundo ímpio e profano, para des Essentes.

O tema do afastamento entre o homem e a Natureza continua atual, ainda que sejam crescentes os movimentos ecológicos e de reintegração. Uma vez que a tecnologia só fez estar mais presente na vida das pessoas, e não apenas das pessoas financeiramente privilegiadas, é o caso de pensarmos em Jacinto e des Essentes como dois exemplos do tipo humano “sufocado” de coisas que o distraem, e entediado, tanto com sua incapacidade de “tocar um pé no solo”, nas palavras de Gide, quanto com a sua incapacidade de transcendência. Ainda que possamos conhecer pessoas relativamente livres do mundo dos sentidos, o esgotamento de todas as possibilidades de sensações, e a saciação de todos os desejos, duas coisas que parecem se multiplicar a cada dia, continuam sendo o tormento de boa parte dos indivíduos, incapacitados de perceber que a sua rápida passagem pela Terra requer um olhar maior sobre os detalhes, uma superioridade sobre o próprio egoísmo e uma cooperação com o Todo – necessariamente escrito em maiúscula.

A neurose de des Essentes, o tédio doentio de Jacinto; terão ambos alguma semelhança com a depressão disseminada nos nossos dias? Talvez. Quem saberia responder satisfatoriamente a essa pergunta? Certamente há muitos des Essentes, mergulhados em paraísos artificiais, neuróticos de hipersensibilidade e extrema solidão. E há muitos Jacintos, fartos de sua distância em relação a si mesmos, e fartos de ilusões. Excesso de leituras, excesso de desejos, excesso de vozes, excesso de objetos, e um mínimo de silêncio e de contemplação.

Ao final, só temos a desejar que os sofredores de nossa época encontrem, no vazio e no silêncio, longe de toda interferência, o estímulo e a razão para continuarem as suas vidas de modo positivo e salutar.

Como nova proposta de trabalho, sugerimos uma analogia dos personagens Jacinto e Zé Fernandes com D. Quixote e Sancho Pança, pois a obra insinua certa aproximação, visto que, n’*A Cidade e as Serras*, os dois amigos são expostos a situações desastrosas e cômicas que, todavia, encerram um fundo trágico.

## **Bibliografia**

FIGUEIREDO, Luiz Antonio. *Schopenhauer: Antologia Progressiva*. Assis: Faculdade de Ciências e Letras, 1998.

FISCHER, Ernst. *A Necessidade da Arte*. 8 ed. Trad. de Leandro Konder. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

HUYSMANS, J-K. *Às Avessas*. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

POE, Edgar A. *Ficção Completa, Poesia e Ensaios*. Trad. de Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965.

SOUZA, Frank F. *O Segredo de Eça: ideologia e ambigüidade em As Cidades e as Serras*. Lisboa: Edições Cosmos, 1996.

QUEIRÓS, Eça de. *As Cidades e as Serras*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2003.